

ORALIDADE: O ENSINO-APRENDIZAGEM DO GÊNERO DEBATE NO LIVRO DIDÁTICO DO 8º ANO

Orality: gender teaching-learning debates in the 8th year school book

Aguida Pereira de SOUZA (Universidade Estadual da Paraíba, Monteiro, Brasil).
Silvânia Maria da Silva Amorim CRUZ (Faculdade Vale do Pajeú, São José do Egito,
Brasil).

RESUMO: *Tendo em vista que o gênero oral tende a ser tomado, no meio escolar, como um sistema lúdico e secundário de aprendizagem, já que a escrita e os estudos gramaticais são, geralmente, os elementos principais nas aulas de Língua Portuguesa, pensamos neste artigo que tem como objetivo verificar como é trabalhado o gênero oral debate, em um livro didático de Língua Portuguesa do 8º ano, à luz de Mendes (2005) e Rojo (2003). Como resultados, evidenciamos que apesar das várias propostas do gênero oral como objeto autônomo de ensino, o livro didático, objeto de estudo, ainda trabalha com uma ideia conservadora e, por vezes, como pretexto para o ensino de aspectos gramaticais.*

PALAVRAS-CHAVE: Livro didático; Gênero oral debate; Ensino

ABSTRACT: *Bearing in mind that the oral genre tends to be taken, in the school environment, as a playful and secondary learning system, since writing and grammatical studies are generally the main elements in Portuguese language classes, we think in this article that aims to verify how the oral genre debate is worked, in a didactic book of Portuguese Language of the 8th grade, in the light of Mendes (2005) and Rojo (2003). As a result, we show that despite the various proposals of the oral genre as an autonomous teaching object, the textbook, object of study, still works with a conservative idea and, sometimes, as a pretext for teaching grammatical aspects.*

KEYWORDS: Textbook; Oral genre debate; Teaching

INTRODUÇÃO

A educação brasileira vem sofrendo cada vez mais mudanças ao longo do tempo e com ela passam a ser aprimorados e diversificados os materiais e recursos didáticos, que auxiliam no desenvolvimento cognitivo dos alunos. Uma das ferramentas que passa a ser tomada como objeto de estudo e análise são os livros didáticos. Geralmente, por serem de caráter tradicional, tornam-se elementos centrais para verificação e análise de acordo com o conteúdo que é apresentado, além da forma como ele é abordado.

Uma das discussões mais frequentes é a forma como a oralidade é trabalhada dentro desses suportes, já que os documentos oficiais como, por exemplo, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) apresentam a importância de se trabalhar com os gêneros

orais, buscando promover, nos indivíduos, uma reflexão acerca da utilização e adequação deles, a partir do estudo de gêneros. Isso significa dizer que o ensino de Língua Portuguesa, na escola, e a apresentação desse ensino, no Livro Didático de Língua Portuguesa (LDP), não devem ser voltados, essencialmente, para os estudos gramaticais, em que a língua passa a ser vista através de um caráter especificamente estrutural, tendo como eixo central a escrita. Infelizmente, o trabalho realizado com a oralidade pelos autores dos LDP ainda se caracteriza, por vezes, como inconsistente, uma vez que “a escrita tem sido vista como de estrutura complexa, formal e abstrata, enquanto a fala, de estrutura simples ou desestruturada, informal, concreta e dependente do contexto”, de acordo com Fávero (2003, p. 9). Conceitos errôneos como estes, que circundam os meios escolares, só irão desaparecer com o devido estudo e atenção ao tema por parte dos professores. Por isso é necessário que se dedique ao ensino da oralidade o mesmo tratamento que é dado à escrita.

No sentido de que, há anos, vem sendo colocada em pauta a importância de um ensino voltado para a conscientização e a ampliação desses recursos diante de diferentes situações comunicativas, outrossim é duvidoso quando se refere às propostas metodológicas que conduzem ao ensino. Frequentemente, apresentam-se de modo descontextualizado e não reflexivo, diferentemente do que enfatizam os PCN (BRASIL, 1997, p. 26) ao afirmarem que o importante é o estudante desenvolver competências e habilidades que o façam usar a forma de falar de acordo com as situações de comunicação, ou seja, levando em consideração o contexto. Ainda segundo os PCN, “produzir linguagem significa produzir discursos. Significa dizer alguma coisa para alguém, de uma determinada forma, num determinado contexto histórico” (BRASIL, 1997, p.22).

Para fundamentar o presente artigo, utilizamos como aparato teórico Mendes (2005) e Rojo (2003), as quais discutem, através de uma abordagem sócio-histórica-discursiva, a importância da utilização e do direcionamento das novas perspectivas de ensino, que vão de acordo com os caminhos apontados pelas diretrizes apresentadas acerca das novas políticas educacionais, as quais se voltam não apenas para a prática da sala de aula, mas também para o estudo da oralidade abordado pelos livros didáticos.

Sendo assim, o presente trabalho encontra-se no paradigma interpretativo por se tratar de uma pesquisa documental de cunho qualitativo, tendo por objetivo verificar como o estudo da oralidade é apresentado em um livro didático de língua portuguesa do 8ºano, *Para viver juntos*, do ano de 2015, do fundamental II, a partir de dois critérios: o primeiro direciona-se ao aparato teórico que discute sobre a oralidade e a sua abordagem, e o segundo busca uma análise crítica-reflexiva sobre as atividades propostas.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Nos últimos anos, houve, em nosso país, um aumento significativo de estudos

que têm investigado e proposto novas perspectivas de ensino, direcionando-se a uma aprendizagem mais significativa da língua materna. Essa abordagem advém das exigências feitas pelos documentos oficiais (BRASIL, 1997; BRASIL, 1998), que tratam do sistema educacional e que visam um trabalho didático construído a partir do estudo dos gêneros textuais. Dentre os diversos objetos de ensino-aprendizagem, que estão sendo reivindicados e revisados, podemos destacar as novas concepções que se dirigem ao estudo da linguagem oral no meio escolar. Diante disso, Dolz (2004) aponta que “os gêneros do discurso são, em comparação com as formas da língua, muito mais fáceis de combinar, mais ágeis, porém, para o indivíduo falante, não deixam de ser um valor normativo: eles lhe são dados, não é ele que os cria”. (p.24)

O ensino dos gêneros orais, sobretudo dos gêneros formais públicos, é reconhecido como um dos elementos fundamentais de trabalho diante das práticas educacionais, isso significa dizer que os novos direcionamentos feitos à efetivação do ensino desses gêneros requerem uma orientação às práticas do professor na sala de aula, como também uma avaliação dos materiais que fornecem subsídios para o desenvolvimento desse estudo. Buscando direcionar um caminho mais amplo ao estudo desses gêneros, os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) apontam que o ensino dos gêneros orais deve evidenciar as práticas de linguagem mais formalizadas e convencionais, refletindo a importância que o domínio da palavra pública tem no exercício da cidadania e que a função da escola é a de preparar estes alunos para as mais diversas situações do cotidiano, que exigem diferentes recursos de linguagem.

Apesar de haver essa evidência por parte dos PCN, Rojo (2003) aponta que, quando se trata de um trabalho com os gêneros do discurso, mais especificamente os gêneros orais formais públicos, essa abordagem se caracteriza como algo vago, pois não discute, nem propõe novas alternativas de ensino direcionadas a estes, conseqüentemente, esta abordagem também não se apresenta como algo claro, tanto para as editoras quanto para os próprios autores de livros didáticos, que devem ter em seus materiais uma abordagem direcionada às novas exigências destes documentos.

A autora supracitada ainda destaca que há uma ampliação diante dos aspectos de trabalho com leitura, produção de texto e diversidade dos gêneros, logo, torna-se possível observar que os LDP tiveram um desenvolvimento bastante significativo, entretanto, no que diz respeito ao ensino da linguagem oral, as problemáticas persistem, dessa forma

[...] a ênfase está ainda no trabalho que favorece a interação entre professores e alunos em sala de aula, através das propostas de “conversas” e “discussões”, em detrimento de um trabalho com os gêneros orais como um objeto de ensino. (MENDES, 2005, p.39)

Estes indícios demonstram que a dificuldade encontra-se na perspectiva didático-metodológica direcionada a como se trabalhar os gêneros orais como um objeto de ensino- aprendizagem, no que tange ao desenvolvimento de um trabalho que conduza à produção e à compreensão de um texto oral, gênero situado em um contexto

formal público e que necessita do domínio de diversas habilidades formais e estilísticas. Mendes (2005) chama a atenção ainda para as complexas relações existentes entre a linguagem oral e a linguagem escrita, que se encontram imbricadas e articuladas, porém este fator não é levantado pelos LDP durante a abordagem destes gêneros, prevalecendo, na maioria das vezes, um estudo direcionado estritamente à escrita, em que a linguagem oral passa a funcionar como um meio que auxilia na construção e no reconhecimento das estruturas da norma padrão e não como um objeto a ser ensinado, mesmo quando o objetivo deveria ser dirigido, mais especificamente, ao gênero oral.

Mendes (2005) e Rojo (2003) correlacionam-se nas ideias que apresentam, pois estas autoras argumentam que a dificuldade em se considerar a linguagem oral como um objeto de ensino está relacionada ao fato de que, na sala de aula, os textos orais são utilizados como uma ferramenta do professor, que auxilia tanto no controle da sala, como em uma atividade de mediação e de comunicação entre professor/aluno/aluno, sendo que o ensino-aprendizagem desses gêneros secundários não acontece efetivamente. Sendo assim,

lidar com os aspectos discursivos dos textos em sua efetividade, reconhecer os interdiscursos e as diversas linguagens sociais presentes nos textos orais e escritos, encarar a fala oral pública como um objeto letrado sobre o qual a escola tem um papel, trabalhar as propriedades formais e estilísticas da linguagem em sua relação com o funcionamento dos textos e discursos são atividades – centrais, no processo de letramentos – que ainda estão longe da realidade dos LDs que circulam em nossa rede pública hoje. (ROJO, 2003, p. 98- 99)

Mendes (2003), a partir de análises do PNL D e de livros didáticos, fornece evidências de que o trabalho com os gêneros orais, da esfera pública de comunicação, estão disseminados em meio ao conteúdo proposto pelo livro didático, pois apresentam uma quantidade bastante significativa de gêneros orais. Isso demonstra que estes livros, nos dias atuais, estão buscando dialogar com as propostas requisitadas nos documentos oficiais como, por exemplo, os PCN e a avaliação do PNL D. Esses sistemas mostram uma grande influência nas revisões tanto das práticas pedagógicas quanto do material didático que norteia estas práticas. Entretanto, a elaboração teórica que promoveu esta mudança, na forma de compreender a linguagem oral e o ensino dos gêneros orais, formais e público, em toda a sua amplitude, ainda não consegue, na prática, tornar tal trabalho realmente embasado e viável. (ROJO, 2003). Outrossim, Mendes (2005) ainda destacou a importância de uma contínua formação de professores, pois as situações que podem ocorrer na sala de aula, como perguntas e apontamentos, são imprevisíveis, o que torna necessário que o professor esteja cada vez mais bem preparado para lidar com esse novo objeto de ensino.

Para o tratamento desse novo objeto de ensino-aprendizagem, não basta, unicamente, a qualificação cada vez maior dos LDP. Um material de excelência poderá se apresentar inócuo nas mãos de um professor que desconheça os objetos que lá estejam desenvolvidos.

(MENDES, 2005, p. 190)

Compreende-se, a partir das análises realizadas por Mendes (2005), que os gêneros orais e formais estão presentes nos livros didáticos de língua portuguesa, no entanto, quando se trata de “como” estes estão sendo desenvolvidos, são verificados dois modos de tratamento desse objeto: aquele em que a linguagem oral é tida como *meio* e aquele em que é tida como *objeto de ensino*.

Rojo (2003), ao realizar análises de livros didáticos, consegue identificar, também, dois modos de tratamento da linguagem, os quais recebem denominações diferentes das apresentadas por Mendes (2005). O primeiro modo é denominado pela autora como uma abordagem que trata a linguagem oral como uma *mídia* para a realização de diversas outras atividades; no segundo modo, ela destaca que as atividades tematizam uma modalidade linguística, estas vão de contraponto às atividades denominadas de “modalidade escrita”. Analisaremos, a seguir, como as atividades apresentam-se no LDP em questão.

ANÁLISE DOS DADOS

Quando se fala em gêneros da esfera pública, direcionamos-nos a diversos textos que comumente são citados em nosso cotidiano, nas redes sociais e na escola. Nesta análise, trataremos especificamente do gênero debate apresentado no livro didático de Língua Portuguesa do 8º ano *Para viver juntos*, do ano de 2015. O livro é composto por nove capítulos, cada capítulo é intitulado com nome do(s) gênero(s) que será estudado e se organizam a partir de dois textos, Leitura 1 e Leitura 2, seguidos de seções e subseções referentes aos quatro eixos de ensino; Leitura, Produção de Textos; Oralidade e Conhecimentos Linguísticos. Cada capítulo é concluído ora pela seção “Oralidade”, ora pela seção “Interligados”, com trabalhos em grupo e atividades interdisciplinares.

Quanto ao gênero debate, encontra-se no capítulo de número 8 (oito) e corresponde à seção de segunda leitura com o subtítulo “Programa USP debate”. Inicialmente, é importante fazermos uma breve análise do sumário que o livro apresenta. Dentre os 9 (nove) capítulos apresentados, há 2 (dois) que se dedicam a um trabalho com os gêneros orais, estes são, especificamente, o texto dramático e o gênero debate, contendo, logo em seguida, duas páginas que são identificadas como “oralidade” e se dirigem ao gênero mesa redonda. Importante também destacar que, nessa respectiva unidade, o gênero debate, por exemplo, aparece com uma segunda leitura, subdividindo-se nos seguintes tópicos: Estudo do texto; produção de texto; reflexão linguística e língua viva, sendo que os dois últimos estão relacionados à gramática normativa.

Direcionando-nos ao capítulo 8 (oito), veremos que, inicialmente, os autores propõem uma abordagem que se direciona ao conhecimento de mundo que os alunos possuem acerca do gênero debate, desse modo, solicitam que os alunos recordem se alguma vez já participaram de um debate por rádio e, assim, digam qual a rádio em que acontecia tal debate, o tema e também pede que relatem como ocorreu esse debate. De

certa forma, essa abordagem representa um fato importante diante do que vai ser trabalhado, apesar de que as propostas apresentam-se um tanto simplórias, pois o aluno pode muito bem responder que foi bom, foi divertido, ou que foi horrível. O mais interessante seria, neste momento, proporcionar relatos que evidenciassem as características desse gênero que se diferenciam de uma conversa ou das entrevistas que vemos na TV e, a partir da participação dos alunos, o professor pode observar aquilo que eles já sabem e o que não sabem sobre o gênero. Entretanto, podemos dizer que a proposta da autora foi um passo significativo, pois partiu dos conhecimentos que o aluno já possui.

Em outro momento, o livro apresenta a transcrição de um trecho de um programa veiculado pela rádio USP, uma emissora de rádio que está diretamente ligada à Universidade de São Paulo, exibindo um programa de debates em que o apresentador e mediador, Milton Parron, convida especialistas para conversar sobre temas variados, o tema em pauta é o Carnaval.

Na página 253, os alunos são convidados a responderem a seção intitulada de estudo do texto, com perguntas do número 1 ao número 5, buscando fazer apenas uma compreensão do texto lido, sem evidenciar, claramente, as características deste gênero oral, tal estudo é direcionado à compreensão apenas do texto em si.

Exemplo 1: Quem participou do debate da rádio da USP?

Exemplo 2: Segundo alguns estudiosos franceses, o Carnaval originou-se de um costume europeu antigo, anterior a invasão romana na Europa.

- a) *Explique esse costume.*
- b) *Qual dos participantes do debate deu essa informação?*

Nas questões citadas, observa-se que os objetos a serem explorados são respectivamente a leitura do gênero textual debate sobre Carnaval e a compreensão desse texto. Além de que, tais questões sequer chegam a conduzir o aluno a uma interação oral, aqui, o aluno não é levado a explorar seus conhecimentos, tal como foi dado no início do livro, o propósito é de que o aluno compreenda o texto escrito para que dele retire informações do que está sendo tratado. Logo, remetemos-nos a um dos modos de tratamento que são apresentados por Mendes (2005), mais especificamente o modo em que a linguagem oral é tratada como meio para a exploração de outros conteúdos, neste caso está sendo tratada como meio para se trabalhar a leitura e a compreensão de textos diversos. Está claro que as atividades iniciais direcionam o aluno para um estudo das informações explícitas do texto, sem que ele seja convidado para a exploração do gênero textual oral, colocando em destaque a linguagem utilizada, as características ou a função sociocomunicativa, vemos também que a ideia evidenciada por Mendes (2005) diverge da que encontramos neste livro didático, pois a autora afirma que:

nesse modo de tratamento, são postas em relevo as interações imediatas, face a face, entre aluno/aluno e professor, onde a fala é propiciada ao aluno como forma de “livre expressão”, mas os objetos

visados e explorados são a leitura e a compreensão de textos diversos.
(MENDES, 2005. p. 145)

Contudo, diante das ideias apresentadas pela autora, podemos afirmar, através dos exemplos aqui apresentados, que estas interações face a face não são executadas durante a realização da atividade, em nenhum momento ela proporciona uma discussão em que o aluno dê sua opinião, que relate ou diversas outras ações orais, pelo contrário, as perguntas, além de serem objetivas, fazem com que o aluno não se desvincule dessa linha tênue que apresenta o texto. O foco está dirigido à leitura e compreensão daquilo que é dito, logo, tende-se a afirmar que, aqui, deparamos-nos com atividades que requerem uma comprovação de que o texto foi lido, sendo assim, são solicitadas algumas perguntas que evidenciam essa leitura. Comparando ainda com a avaliação feita por Mendes (2005), este livro, em relação ao estudo do gênero debate, encontra-se em um nível menor do que o expresso pela autora no modo de tratamento como meio, até porque, por mais que, nas pesquisas dela, a abordagem, através das interações, não correspondesse aos verdadeiros objetivos de trabalho com o gênero, a atividade proporciona a participação do aluno, fator este que não é explorado de forma alguma em meio aos questionamentos.

Depois dessa abordagem textual, o livro solicita que o aluno, através de um esquema e da releitura de alguns trechos, complete-o, evidenciando a opinião de cada uma das pessoas que participam da entrevista. Isso conduz o aluno a um movimento de retomada da leitura, retirada de trechos e colagem na questão apresentada, sem refletir sobre o que leva a cada um deles tomar tal posicionamento, se eles, diante dos seus argumentos, conseguem convencer o outro ou mostrar, diretamente, qual a posição em relação ao assunto.

Exemplo 3: As professoras têm a mesma opinião sobre a questão. Que opinião é essa e que argumento(s) elas apresentam para sustentá-la?

Copie o esquema abaixo no caderno e complete-o.

Logo depois dessas atividades, o livro oferece ao aluno uma caixa de texto informativa, buscando associar a questão supracitada à importância dos argumentos durante a execução de um debate, destacando que o objetivo do levantamento desses argumentos é de convencer os seus interlocutores. Vejamos:

Exemplo 5: Em um debate, para convencer os interlocutores quanto a validade de sua opinião, os debatedores usam argumentos. Existem vários tipos de argumentos, entre eles o discurso de autoridade (em que se apresenta o depoimento de um especialista na área) e o contra-argumento (em que se expõe um argumento para combater o outro).

Por meio dessas explicações, os autores instruem a respeito da postura atitudinal que os debatedores devem e podem assumir durante a execução do gênero debate. Também orientam os alunos sobre o tipo de debate que a escola pretende que estes alunos construam, ou seja, um debate em que eles apresentem diferentes opiniões acerca de um mesmo tema, sendo que as opiniões divergentes devem ser respeitadas, e o fortalecimento do seu posicionamento se dá a partir dos argumentos que eles irão

utilizar. Uma nova caixa de diálogo é apresentada, evidenciando o que é o gênero debate e as suas características, como no exemplo a seguir.

*Exemplo 6: O **debate** é um gênero em que duas ou mais pessoas expressam seu **ponto de vista** sobre um tema, cada um procurando convencer o interlocutor e o público da verdade e da validade de sua posição. Em alguns debates denominados debates regrados, há **regras** a serem seguidas pelos participantes. Os debatedores, por exemplo, devem falar no tempo predeterminado, seguindo a ordem estabelecida pelo mediador. Os debates regrados são muito frequentes no período pré-eleitoral, em que os candidatos confrontam suas ideias no período pré-eleitoral, em que os candidatos confrontam suas ideias procurando convencer os eleitores de que sua proposta de governo é a mais adequada.*

Tomando os exemplos 5 e 6 para discussão, observamos que os autores vão conduzindo o estudo do debate e apresentando, aos poucos, suas características. Como, por exemplo, o que é o gênero debate, qual a funcionalidade dos argumentos, o termo ponto de vista ainda está destacado em negrito, isso, de certa forma, induz o aluno à concepção de que as opiniões divergentes permitem que sejam apresentadas e construídas diferentes visões do mundo. A palavra regra também é destacada, como uma forma de esclarecer que esse gênero acontece de modo sistemático, não é acionado do nada, sem haver procedimentos ou uma regularidade, diferentemente de uma conversa. Os participantes do debate ainda são citados, apresentando aos alunos que em um debate existem papéis diferentes a serem executados. Dessa forma, entende-se que o gênero debate precisa de um “mediador”, um “controlador do tempo”, sendo assim, acaba explicando e também delimitando as funções e papéis desses participantes, para isso, o livro ainda utiliza de um exemplo que é comum termos contato buscando evidenciar tais características.

Como afirma Mendes (2005), é necessário que o aluno tenha conhecimento do gênero que está sendo trabalhado, de forma que este objeto deve ser decomposto, recortado, visando a uma melhor explanação daquilo que o compõe, é este o objetivo da inserção de um gênero formal público. Sendo assim, as caixas de textos realmente têm como função informar e envolver os alunos naquilo que eles necessitam saber para uma possível construção. Vemos também que, em um mesmo livro, em um mesmo capítulo, ocorre uma espécie de “reviravolta”. Logo no início, vimos, nas atividades propostas, que os estudos direcionados à linguagem oral eram tomados como meio para a leitura e compreensão de textos escritos. Outrossim, vemos um grande avanço que direciona ao estudo da linguagem como objeto de ensino na perspectiva da reflexão, pois, a partir desse momento, o LD proporciona um trabalho dirigido.

Os autores, progressivamente, conduzem o estudo do gênero debate e apresentam as características do mesmo. Fazem isso mais detalhadamente quando passam a intercalar esses textos informativos com perguntas específicas sobre o conteúdo que foi transcrito dentro das próprias perguntas formuladas para o estudo do texto, levando em consideração o leitor, conforme podemos observar nos exemplos a seguir.

Exemplo 7: A quem cada um dos participantes do debate (o mediador e as debatedoras) se dirige quando fala? Comprove sua resposta com trechos do texto.

Exemplo 8: Que público pode ter interesse em ouvir pessoas com essa formação falarem sobre carnaval?

Nas perguntas acima, os autores caracterizam a figura do mediador e das debatedoras durante o processo comunicativo do evento debate, requerendo que os alunos identifiquem esses papéis no texto tomado como exemplo. Além de também indicar ao aluno que, neste gênero, há um público alvo e que, quando se faz um debate, também se pensa nos possíveis interlocutores que se interessam pelo assunto.

Observa-se que, até aqui, estão sendo apresentados elementos que concretizam a realização de capacidade de ação dos alunos, pois são dadas orientações sobre os locutores/participantes (exemplo 7), o público alvo (exemplo 8), a importância da argumentação (exemplo 5), etc. Sendo assim, podemos dizer que “a informação desses elementos contribuirá para a compreensão mais aproximada desses gêneros, a partir dessas dimensões das capacidades de ação.” (ROJO, 2003, p. 162)

Podemos afirmar que é a partir do estudo das características específicas do gênero que os alunos passam a tomar conhecimento daquilo que o compõe, proporcionando significativamente o desenvolvimento da compreensão e, posteriormente, da produção de um debate que, agora, está sendo tratado a partir da identificação das características próprias deste gênero oral apresentadas no texto. Buscando reforçar estes elementos, mais um caixa informativa é inserida, desta vez, reforçando o tema e o público de um debate.

Exemplo 8: O tema do debate determina seu público, assim como a forma dos debatedores e o tipo de envolvimento que eles tem com o assunto. Por exemplo, o tema futebol pode atrair um público, se for debatido por jornalistas esportivos e jogadores, e outro público, se for debatido por sociólogos e psicólogos. .

Outra caixa de diálogo é inserida, direcionando os alunos a um entendimento mais completo e geral do texto, que passa sempre a ser abordado por perguntas feitas posteriormente. Isso faz com que o aluno tome conhecimento a partir das notas explicativas, mas que também passe a analisá-las dentro do contexto do debate. Logo em seguida, o livro didático passa a tratar dos recursos linguísticos utilizados em meio ao gênero, fazendo também comparações entre um e outro texto, que possuem diferentes características.

Exemplo 9: Em sua forma original, esse debate sobre o carnaval é oral. Copie no caderno trechos em que foram registradas interrupções, repetições e hesitações próprias da fala.

Exemplo 10: Observe as características da linguagem empregada pelas participantes do debate.

Exemplo 11: Releia o trecho buscando palavras e expressões próprias da linguagem informal. Anote- as no caderno.

Exemplo 12: Apesar das palavras e expressões que você encontrou, a linguagem das participantes do debate é diferente da que seria usada em uma situação de

comunicação oral informal, como uma conversa entre amigos na escola, no intervalo das aulas. Explique essa diferença.

Exemplo 13: Você leu neste capítulo dois textos pertencentes a gêneros diferentes. Copie a tabela abaixo no caderno e complete-a com informações sobre cada um deles.

Exemplo 14: Qual dos textos lidos tem a linguagem mais formal?

Essa proposta de atividade indica que o tratamento dado ao gênero oral é diferenciado, “[...] porque procura explicitar propriedades do gênero, suas características, processo e estratégias de compreensão e produção. Com isso, aborda um número maior de capacidades de linguagem necessárias para a produção e compreensão dos gêneros orais formais e públicos.” (MENDES, 2005, P. 166)

Aqui, o objeto a ser trabalhado é bem explicitado, neste momento, outro aspecto passa a ser trabalhado, especificamente a variação linguística, após ter se definido o gênero, apresentado os participantes, os objetivos que o envolvem, expondo também a relação entre o tema e o público, deixando em evidência que os argumentos são fatores extremamente importantes, pois conduzem os debatedores a expor seus pontos de vistas e convencer o público. Os elementos não-linguísticos cinésicos e prosódicos também são efetivados, pois é solicitado que o aluno registre as interrupções, repetições e hesitações que são próprias da fala. A linguagem informal passa a ser discutida de forma que é comparada a diversos contextos que usufruem de adequações referentes a situações discursivas, neste caso é colocado o gênero debate comparado à conversa e à carta do leitor. Essa abordagem é essencial para que o aluno comece a refletir as especificidades de cada gênero.

Ao finalizar as atividades acerca do estudo do gênero debate, o LDP propõe a seção de produção textual, intitulada de “Produção de texto”. Inicialmente, os autores retomam o que é o gênero debate, como também retomam a importância dos argumentos. Buscando fazer com que o aluno reflita sobre as posições que devem ser tomadas em um debate, os autores apresentam um quadro com opiniões diferentes sobre um mesmo assunto, solicitando que os alunos escolham uma delas e pensem em um argumento para sustentá-la, logo depois, o aluno deve se colocar no lugar do oponente e também apresentar um possível contra-argumento.

De início, podemos colocar que as propostas apresentadas referem-se a assuntos que pertencem ao contexto dos alunos, por exemplo, a proposta citada tem como tema se os pais têm ou não direito de mexer nos objetos pessoais dos filhos adolescentes. Como se trata de um 8º ano, nessa fase, provavelmente os alunos já pensam algo sobre.

O aluno, então, poderá desenvolver competências e habilidades referentes à oralidade, quando a escola proporciona momento em que ele passe a efetivar os conhecimentos que estão sendo adquiridos e o conduza às diversas situações de comunicação. “[...] diante de todas essas situações, cada um terá ou não condições de saber discutir, defender seu ponto de vista, interpretar e construir os sentidos do ponto de vista outro, argumentar, saber convencer, selecionar um estilo considerando a situação e a esfera de comunicação, ter uma atitude ativo-responsiva face às situações

reais que a vida pública coloca.” (MENDES, 2005. p. 176)

Indo mais adiante, é apresentada a proposta para o debate que será realizado pela turma, indicando que o evento acontecerá na escola e que os alunos devem estar preparados, pesquisando o tema e formando uma opinião sobre ele. O tema em questão é a proibição de venda de determinados alimentos nas cantinas escolares como frituras, balas e refrigerantes. Em seguida, vem a apresentação de como deve se dar esse planejamento; a primeira sugestão é que aluno escolha a posição que vai tomar se é contra ou a favor. Logo depois, o professor fará a seleção dos papéis dos alunos no debate, fazendo com que estes pesquisem sobre o tema em jornais, revistas, pessoas ou profissionais que estejam ligados ao tema e anotem estes argumentos. A segunda parte do planejamento fala sobre alguns aspectos do gênero debate, como por exemplo, a função do mediador, o tempo que deve ser regrado, a participação da plateia e a clareza dos argumentos. Por fim, temos a ficha de avaliação, contendo algumas questões que deverão ser respondidas pela plateia.

Sendo assim, o estilo didático que os autores demonstram, ao propor o ensino das particularidades do debate, aproxima a obra de uma linha mais construtivista de ensino, na medida em que a condução dos conhecimentos sobre o objeto de ensino selecionado, no geral, ocorre de modo mais reflexivo e indutivo. A princípio, parte-se do reconhecimento de situações cotidianas para acionar especificidades inerentes ao gênero, como as situações remetidas na página que inicia o tratamento com o gênero debate. Em seguida, são propostas atividades de estudo de um texto, que remete a um exemplar do gênero debate, logo depois, são apresentadas atividades que não tomam o gênero oral como objeto autônomo, seguida por outras questões que induzem os alunos a identificar as características de tal gênero. Por fim, nas propostas de produção do gênero, podemos perceber que alguns elementos específicos do gênero passam a ser levantados, todavia, isso acontece de forma esporádica, o que não conduz totalmente o ensino do gênero oral formal debate.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral deste trabalho foi investigar como se dá o ensino do gênero oral formal público debate, no Livro Didático de Língua Portuguesa (LDP). Para alcançar este objetivo tivemos como aparato teórico a tese de Mendes (2005) e o livro de Rojo (2003), além de alguns documentos oficiais. Os resultados, então coletados, permitem-nos fazer uma análise geral do capítulo. De modo geral, foi possível observar que a ideia de se trabalhar com gêneros da esfera pública não está bem disseminada neste livro didático, conseguimos fazer esta comprovação a partir do sumário que apresenta apenas três unidades que se dirigem aos gêneros orais, sendo que o debate é colocado como uma segunda leitura, fazendo parte da primeira, a carta do leitor.

A partir dos estudos que realizamos, chegamos à conclusão de que o livro didático analisado utiliza do ensino da linguagem oral em meio ao seu conteúdo,

entretanto, ao analisarmos, especificamente, o gênero debate, percebemos que ora proporciona o ensino do gênero debate como meio para o conhecimento de outros aspectos, ora faz uso desse gênero tratando-o como um objeto autônomo de ensino, sendo que, durante a compreensão e a produção deste, há oscilações no próprio livro. Especialmente na produção, a linguagem oral é tomada como objeto de ensino através da perspectiva da transmissão.

Os autores não conseguem desenvolver um trabalho que esteja voltado unicamente para o ensino do gênero oral de forma autônoma, logo, elas passam a produzir atividades que visam à leitura, à compreensão e à escrita, depois se direcionam ao gênero oral como se estes fossem elementos que estivessem dissociados, quando, na verdade, eles se completam, deixando a desejar também na produção do gênero que acontece de forma esporádica, não fornecendo os elementos necessários para que haja um verdadeiro processo de produção. Torna-se necessário enfatizar, nestes momentos, o máximo de características possíveis para que os alunos se apropriem do gênero, de tal forma que consigam efetivá-los em outros ambientes fora do meio escolar.

Sendo assim, podemos perceber que a tese construída por Mendes (2005), apesar de se passarem 14 anos, continua sendo válida, mostrando que o livro didático ainda apresenta dificuldade em desenvolver um trabalho com os gêneros da esfera pública, logo, passa a não estar completamente de acordo com as reivindicações feitas pelos PCN e os novos paradigmas de ensino da língua portuguesa, pois os gêneros orais não se encontram efetivamente presentes. Porém, vemos que os autores, assim como diversos outros, estão avançando no tratamento da linguagem oral como objeto autônomo de ensino. O problema está no como fazer isso ao longo de toda uma unidade ou capítulo, podemos perceber que elas apresentam uma concepção que começa a tratar, mais especificamente, do gênero debate, mas não conseguem continuar com essa exploração.

Quanto à importância do livro didático também podemos dizer que, nos dias atuais, é um dos principais instrumentos de ensino na sala de aula, ao nos depararmos com situações como essas, podemos nos deter e explorar aquilo que ele nos oferece de melhor, ampliar, reformular, anular aquelas atividades que não proporcionam um bom desenvolvimento no aluno também pode ser feito. Portanto, podemos observar que há sim um avanço, entretanto, é necessário, também, que o professor recorra a outros meios para buscar desenvolver e proporcionar uma aprendizagem significativa aos alunos. Além de ser necessário que a escola e o corpo docente provoque e utilize de atividades que desenvolvam estas habilidades no aluno, é importante que estejamos cada vez mais atentos aos materiais que nos são indicados, fazendo pesquisas e escolhendo aqueles que melhor atendem as nossas necessidades.

Referências

BRASIL, Ministério da Educação. 1997. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa/ Secretaria de Ensino Fundamental*. Brasília, MEC/SEF.

BRASIL. Ministério da Educação. 1998. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: MEC; SEF.

DOLZ, J. SCHNEUWLY, B. 2004. Gêneros e tipos de discurso: considerações psicológicas e ontogenéticas. In: *Gêneros orais e escritos na escola*. Trad. e Org. de Roxane Rojo e Gláís Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras.

FAVERO, ; ANDRADE, Maria Lúcia C. V. O.; AQUINO, Zilda G. O. 2003. *Oralidade e escrita: perspectiva para o ensino de língua materna*. São Paulo: Cortez.

MENDES, A. 2005. *A linguagem oral nos livros didáticos de língua portuguesa do ensino fundamental - 3º e 4º ciclos: algumas reflexões*. 191f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.

ROJO, R. 2003. *Livro didático de língua portuguesa, letramento e cultura da escrita*. Campinas, SP: Mercado de Letras.